

# EXTRA! EXTRA! CRIANÇAS APRENDEM PARA QUÊ E PARA QUEM LER E ESCREVER! O JORNAL COMO ALTERNATIVA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES

Gildene Lima de Souza Fernandes<sup>1</sup>  
Danielle Medeiros de Souza<sup>2</sup>

*Pedir para ler. Nem como convencimento, nem como obrigação, nem como súplica. Mesmo que seja certo que o ensino é de algum modo convencer, de algum modo obrigação e de algum modo súplica. Mas não neste caso. Pedir para ler, antepondo o dar a ler. Seria possível dizer assim: como é verdade que sentimos paixão pela leitura, por certa leitura, nós a oferecemos, nós a damos simplesmente. Não haveria outro condimento. Não há.*  
Carlos Skliar

Tomamos as palavras do escritor para evidenciar uma constante tensão entre os educadores: como suscitar nos alunos o desejo de ler, como “ensinar” a ler e escrever - ações tão necessárias em nossa sociedade, que mais parecem condição para se tornar humano.

Quando pensa em leitura e escrita, nossa sociedade letrada se remete à escola, como responsável por favorecer a aquisição destas habilidades. Porém, é necessário refletir se as instituições de ensino estão contribuindo para a formação de leitores e escritores. Aprender a ler e a escrever se constitui uma importante conquista para a sobrevivência política, econômica e social do indivíduo e se dá por meio de dois processos indissociáveis: a alfabetização - aquisição do sistema convencional de escrita; e o letramento - desenvolvimento das habilidades de uso desse sistema por meio de práticas sociais (SOARES, 2004).

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), vivencia-se na escola práticas muito mais voltadas para uma leitura de extração de informações que uma leitura interpretativa, reflexiva e crítica e uma produção guiada pelas formas e conteúdos, mais do que pelo contexto e pelas finalidades dos textos.

É sobre o desejo de educadores de buscar estratégias para o ensino da leitura e da escrita que tratamos neste texto. Assim, objetivamos fomentar a reflexão sobre os sentidos que o ler e escrever assumem na escola e, para tanto, realizamos um relato reflexivo de uma experiência vivenciada com uma turma de 3º ano do ensino fundamental, à luz de revisão bibliográfica. Em tal vivência, privilegiamos o suporte Jornal Impresso, que assume o importante papel de subsidiar, ampliar e divulgar as aprendizagens das crianças, no contexto do tema de pesquisa "Guerras e Revoluções", temática que norteou as práticas de leitura e escrita.

## Os soldados e o lugar da guerra (ou conhecendo sobre a escola e as crianças)

Os sujeitos desta experiência constituem um grupo de 23 crianças entre 8 e 9 anos, entre as quais uma é público alvo da educação especial. São mediados por duas professoras e uma bolsista do curso de Pedagogia. A escola *locus* atende a crianças da Educação Infantil e do

---

<sup>1</sup> Núcleo de Educação da Infância – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. E-mail: [gilsouzafernandes@gmail.com](mailto:gilsouzafernandes@gmail.com).

<sup>2</sup> Núcleo de Educação da Infância – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. E-mail: [dani.ufnr@gmail.com](mailto:dani.ufnr@gmail.com).

Ensino Fundamental e adota a metodologia do Tema de Pesquisa, conforme proposta pedagógica da instituição.

O percurso que fizemos para a mediação da leitura e escrita na escola está fundamentado em princípios da Metodologia do Tema de Pesquisa, na qual o currículo é respaldado numa proposta pedagógica, mas tem um caráter flexível, tendo em vista que a escolha dos temas de estudo é realizada pelas crianças, sob a mediação dos adultos do grupo. Com essa base, articulamos as áreas do conhecimento, o contexto sociocultural das crianças e os processos de desenvolvimento das crianças (RÊGO, 1999).

### **E assim, travou-se a batalha... (ou como a leitura, a escrita e o jornal estiveram presentes em sala de aula)**

Desde a escolha do tema de pesquisa, feita de forma democrática com defesa dos temas de interesse e votação, as práticas de leitura e escrita se entrelaçaram em função de atender às curiosidades das crianças, levantadas inicialmente sob a mediação das professoras.

Para trazer a temática das Guerras e Revoluções para a sala de aula, foi proporcionada a apreciação de jornais recentes e também antigos, publicados no contexto da 2ª Guerra Mundial. O grupo passou a coletar materiais que abordavam o tema, de modo que foi organizado um baú com acervo para consulta. A visita à biblioteca da escola também oportunizou o acesso a fontes de pesquisa.

Assim, o jornal foi “convocado” para a sala de aula, como o suporte que faria o importante papel de subsidiar as descobertas sobre o tema. Para Schneuwly e Dolz, “o gênero nasce naturalmente da situação [...] aprende-se a escrever, escrevendo, numa progressão que é, ela também, concebida como natural” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 67).

Em função do interesse emergente pelo jornal e alguns de seus gêneros, foi realizado um estudo sistemático acerca do suporte Jornal Impresso. Nesse estudo, além da apreciação já citada, foi possível estabelecer a comparação entre diferentes suportes (jornal impresso, virtual e televisionado) e identificar os gêneros que podem ser encontrados neste tipo de mídia. Os gêneros entrevista, notícia, propaganda, anúncio e charges foram os que mais chamaram a atenção das crianças e mais contribuíram para o estudo do tema. Diferenciá-los, destacando características, estruturas compositivas e funções, permitiu às crianças dar conta da diversidade de formas que a escrita assume para comunicar os acontecimentos e atender às necessidades humanas.

Para ampliar o estudo sobre o jornal, as crianças visitaram a sede de um jornal da cidade, onde conheceram o processo de elaboração deste suporte, bem como os profissionais que estão envolvidos em tal construção.

Os alunos perceberam que, para produzir uma notícia e escrever sobre qualquer temática, as pessoas se utilizam de várias estratégias e instrumentos de registro. Entre tais estratégias, destacamos a entrevista, que se configurou em importante meio para coletar dados sobre o tema.

Foram convidados para uma entrevista em nossa escola, um piloto de avião - que respondeu às curiosidades das crianças sobre a tecnologia das guerras - e um militar francês - que trabalhou em ações humanitárias durante a Guerra do Vietnã. Estar com pessoas que apresentam familiaridade com o Tema de Pesquisa, provocou verdadeiro fascínio nas crianças e ampliou a compreensão das mesmas. Neste momento, elas fizeram uso significativo da escrita para registrar as dúvidas e anotar as respostas dos convidados. Também produziram textos orais, dentro de um contexto de interlocução com os entrevistados.

Os gêneros cujo conteúdo é o humor crítico também despertaram a atenção das crianças: elas perceberam que no jornal são encontrados textos nos quais é possível falar, questionar ou

denunciar fatos, usando a linguagem das charges e tirinhas – o novo alvo de interesse dos pequenos e curiosos leitores.

Para favorecer maior apropriação sobre o gênero Charges e o apreço do mesmo pelas crianças, as professoras propuseram a leitura do livro Humor Diário, que é uma coletânea de produções de Ivan Cabral, um chargista da nossa cidade. Diariamente, cada uma delas levava o livro para casa e, na roda de conversa do dia seguinte, comentavam livremente sobre o que leram. A leitura das charges assumiu a função de divertir e/ou de denunciar algo errado na cidade ou no país. As crianças puderam compreender as características deste tipo de texto e logo algumas passaram a se lançar na proposta de construir suas próprias charges ou tirinhas. Um dos alunos que se identificou muito com este tipo de texto, se dispôs a fazer uma oficina de tirinhas, onde compartilhou com os colegas como ele fazia as suas próprias produções.

Com o tempo, as crianças passaram a fazer uso do conhecimento que estavam construindo sobre os gêneros do discurso jornalístico, na medida em que tomavam as próprias iniciativas de uso da linguagem. Elas mesmas elaboraram e aplicaram uma entrevista com a diretora da escola, com o intuito de compreender e questionar sobre a demora na conclusão da obra de ampliação das instalações físicas, a qual assegurará a permanência delas na escola, que passará a ofertar o 4º e 5º ano. A figura abaixo é uma charge elaborada por um dos alunos, na qual ele faz uma crítica ao prolongado período da obra.



Figura 1: Charge “Esse prédio não termina!”, de Maurínio Neto. Arquivo das professoras, 2015.

A escrita também foi uma atividade necessária para o registro de vivências das crianças em uma visita ao Museu da 2ª Guerra Mundial, no 16º Batalhão do Exército, em Natal. Tal atividade teve como objetivo ampliar o conhecimento sobre o tema, proporcionando às crianças o contato com objetos e registros fotográficos que retratam a atividade militar durante as guerras. Além das anotações de campo, as crianças foram estimuladas a construir os seus relatos, contendo a descrição dos locais e atividades das quais participarem, bem como as suas impressões e aprendizagens. Tais textos também foram compartilhados em sala de aula: ao divulgar oralmente tudo o que haviam percebido, as crianças ampliavam suas aprendizagens por meio do acesso ao olhar do outro sobre a visita de estudo.

### **Vislumbrando o fim das guerras... (ou o jornal feito pelas crianças divulga as conquistas)**

Em virtude das curiosidades levantadas pelas crianças estarem sendo plenamente contempladas, chegava a hora de caminhar para a sistematização do que foi aprendido e para o encerramento do Tema de Pesquisa.

Cada criança virou autora de uma ideia para acabar com as guerras, tendo em vista que, ao conhecerem agora as danosas consequências de tais eventos para a humanidade, estavam convencidas da necessidade dos homens resolverem seus conflitos sem o uso de violência. As ideias, que mesclavam realidade e fantasia, foram representadas por seus autores em um cartaz, de modo a facilitar a socialização. Todos os cartazes deram origem a um grande painel intitulado “23 ideias para acabar com as guerras”, o qual compôs a Mostra Cultural da escola, juntamente com maquetes, *slides* e todo o material produzido ao longo do estudo.

Surge, em conversas das professoras e a turma, o desejo de vivenciar a segunda produção de um jornal (os alunos já haviam vivenciado a experiência de lançar um jornal mural, intitulado por elas mesmas de RN NEI). Agora, após todas as vivências com os gêneros jornalísticos, as crianças tinham maior clareza do papel social desse suporte, dos gêneros que o compõem e de seu processo de produção. Esta foi a estratégia pensada para divulgar todo o estudo sobre o tema e as demais vivências escolares com todas as turmas da escola e também com seus familiares.

As professoras passaram a mediar a organização de uma coletânea de registros produzidos pelos alunos (charges, entrevistas, depoimentos, narrativas), de modo que foi assegurado pelo menos uma produção de cada criança da turma no corpo do jornal.

Para o lançamento, os próprios “redatores” visitaram todas as turmas do NEI, munidos de um convite elaborado por eles mesmos, para divulgar a 2ª edição do RN NEI. Toda a comunidade escolar pode apreciar o jornal disposto em um mural e receberam a mídia impressa. Os familiares das crianças tiveram acesso ao produto final durante a reunião de pais, no encerramento do 2º trimestre.

Vislumbramos nesta experiência, diversos aspectos positivos em relação à abordagem dada ao jornal em sala de aula. Uma das aprendizagens alcançadas pelas crianças que ocuparam este lugar de produtoras de mídias, foi compreender que as informações que circulam, seja de forma impressa ou virtual, sempre revelam o ponto de vista de quem as produziu. Isso foi vivenciado pelo próprio grupo, que contou a sua versão dos estudos e fatos divulgados no jornal. Tal experiência contribui para que as crianças possam empregar criticidade nas leituras que fazem daquilo que é veiculado pelos diferentes meios.

Sobre a expressividade das crianças na produção de mídias, entendemos que “[...] de um modo geral, as crianças apropriam-se das imagens, sons e gestos contidos nas mensagens veiculadas pelas mídias reelaborando-os e utilizando-os na maioria das vezes de uma maneira pessoal” (FERRAZ e FUZARI, 1999, p. 44). Diante da liberdade autoral permitida pelas professoras, as crianças conseguiram significar e expressar o seu pensamento, na diversidade dos textos que elaboraram e que integraram o jornal da turma. A figura abaixo é um exemplo.

RN NEI 2ª edição	Tema de Pesquisa	5
<b>Projetos para acabar com as guerras</b>		
<p>Neste trimestre, estudamos sobre as Guerras e Revoluções. Nas férias, tivemos uma atividade de fazer um trabalho, que era pensar numa ideia para acabar com as guerras. E, assim, nossa turma teve 23 projetos, alguns deles são:</p>		
1- Jogo da paz (Walasse)	13- A força do diálogo (Maurínio)	
2- Carro da paz (Lucas Nunes)	14- Máquina e relógio de pensamentos positivos (Raul)	
3- Associação contra as guerras (Maria Fernanda)	15- Escudo eletromagnético contra as guerras (Lucas Gabriell)	
4- Planeta da paz (Maria Eduarda Virgínio)	16- A corrente da gentileza (Arthur Alves)	
5- Onde há respeito, não tem guerra (Arthur Rodrigues)	17- O robô da paz (Gabriel Guedes)	
6- Máquina do tempo (Gabriel Vinícius)	18- Protesto a favor da paz (Maria Manuela)	
7- A arma que atira flores e o avião de resgate (Vitor)	19- Site informativo sobre guerra e paz (Yasmim)	
8- Crianças mensageiras sobre as guerras (Davi)	20- Árvore da paz (Letícia)	
9- A ideia mágica (Hugo)	21- O trem de resgate para refugiados (Ana Clara)	
10- O quadro da paz (Júlia)	22- A pomba da paz (Ana Carolina)	
11- Distribuição justa de territórios (Maria Eduarda Garcez)	23- O avião da paz (Pedro Lucas)	
12- Poção do Amor (Luísa)	<p>Tivemos muitas ideias. Gostou? Você pode conhecer as 23 ideias no Seminário do 3º ano de Guerras e Revoluções e em uma exposição, na Mostra Cultural de Outubro.</p> <p style="text-align: right;">Maria Eduarda Garcez</p>	

Figura 2: Trecho do jornal RN NEI. Arquivo das professoras, 2015.

Encontramos na fala de Freire a justificativa pela qual atribuímos às crianças este papel de sujeito ativo no processo de aprendizagem e, mais especificamente, nas aprendizagens que envolvem a leitura e a escrita:

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. (FREIRE, 1983, p. 15).

Entendemos que as práticas proporcionadas tiveram a pretensão de favorecer que as crianças atuassem como protagonistas no que chamamos de ato de conhecer. O jornal teve o importante papel de subsidiar esse ato e de permitir que as crianças se percebessem como sujeitos históricos, que escrevem e assim comunicam o que pensam e fazem.

Foi importante perceber que, mesmo ao término das atividades relacionadas ao tema “Guerras e revoluções”, as crianças continuaram trazendo para a roda de conversa da sala, informações da atualidade envolvendo a questão dos refugiados da guerra, numa consciência de que esta é uma questão da atualidade e que muito ainda precisa mudar nas atitudes humanas para efetivamente haver paz nas relações entre os homens. Essa condição de leitor crítico do que acontece no seu entorno e no mundo e de pertencimento e responsabilidade social, é sem dúvida uma conquista maravilhosa para a formação destas crianças.

Vislumbramos com esta experiência a efetivação de uma prática significativa na escola que considerou o caráter interdisciplinar do conhecimento. Constatamos ainda que, envolvidas

em situações contextualizadas de leitura e escrita, as crianças avançaram em relação a estas ações, a partir do jornal e dos gêneros jornalísticos. Para elas, esteve claro por que e para quê ler, assim como por que e para quem escrever.

### **Referências**

FERRAZ, H.; FUZARI, M. F. R. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. 9ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RÊGO, M. C. F. D. **Currículo em Movimento**. Coleção Faça e Conte, Natal, v. 2, n. 2, 1999.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo, Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das letras, 2004.

SKLIAR, C. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução Giane Lessa. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, jan./abr. 2004.